

**ANÁLISE VARIACIONISTA DA AQUISIÇÃO DO /p/ EM CODA SILÁBICA  
POR APRENDIZES DE INGLÊS COMO LE**

***SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS OF THE  
ACQUISITION OF /p/ IN CODA BY EFL LEARNERS***

Rubens Marques de Lucena<sup>1</sup>

Fernando Cabral Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo se propõe a observar as implicações da língua materna (no caso específico, o dialeto falado na cidade de João Pessoa – Paraíba) na aquisição fonológica do inglês como LE, a partir de um fenômeno específico: a coda encerrada pela obstruinte /p/. O estudo contou com dados de produção de LE obtidos de falantes do dialeto de João Pessoa. Os dados coletados foram estratificados em cinco variáveis independentes (nível de proficiência, tipo de coda, posição da coda, tonicidade e instrução explícita) e, em seguida, submetidos a uma análise estatística pelo software Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Duas variáveis externas foram selecionadas como estatisticamente relevantes: nível de proficiência e instrução fonológica explícita. Os resultados revelaram semelhança relevante entre os índices de epêntese na LE encontrados na Paraíba e em outros estados, como o Rio Grande do Sul e o Pará.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de LE; Sociolinguística variacionista; Epêntese.

**ABSTRACT:** This paper examines the effects of mother tongue (namely the dialect spoken in the city of Joao Pessoa – Paraíba) on the phonological acquisition of English as a foreign language. The focus was an analysis for the variable acquisition of /p/ English codas. The study included data from twelve English learners and were organized in five independent factors (proficiency level, type of coda, coda position, stress and explicit instruction). The data were, then, statistically analyzed, using Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). Proficiency level and explicit instruction were the external factors selected by the software. The results revealed a striking resemblance between the figures found in Paraíba and other states, as Rio Grande do Sul and Pará.

**KEYWORDS:** Phonological acquisition; Variationist Sociolinguistics; Epenthesis

## **1. Introdução**

Embora muito já se tenha pesquisado sobre a variação linguística do português brasileiro (PB), ainda são poucos os estudos que procuraram estabelecer alguma relação entre os padrões variáveis do PB e a aquisição de línguas estrangeiras. No caso específico do inglês como língua estrangeira (LE), ainda que exista uma produção considerável em nosso país a esse respeito, ainda são poucos

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rubenslucena@yahoo.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba. E-mail: nando.c.alves@hotmail.com

os trabalhos realizados com aprendizes que tenham como língua materna dialetos da região Norte e Nordeste do Brasil (CARDOSO, 2005; HORA, LUCENA & PEDROSA, 2009; LUCENA & ALVES, 2010). Este artigo parte desse vácuo e objetiva verificar as implicações da língua materna (no caso específico, o dialeto falado na cidade de João Pessoa – Paraíba) na aquisição fonológica do inglês como LE.

Grande parte da literatura relacionada à aquisição fonológica de LE (CORDER, 1983; BEEBE, 1988; BROSELOW et al., 1998) concorda que o sistema gramatical da língua materna é sempre o ponto de partida da aquisição de uma LE. Assim, é compreensível admitir que o caminho percorrido pelo aprendiz na produção de formas mais próximas às da língua-alvo seja dependente do sistema da língua de partida. Assim, os aprendizes apresentam dificuldades distintas ao lidar com o sistema fonológico da LE, a depender do dialeto materno a que foram expostos. Essa é a premissa com a qual trabalhamos e que defendemos aqui.

O objeto de estudo focado neste artigo é a aquisição da obstruinte /p/ em coda silábica por aprendizes brasileiros de inglês como LE que tenham o falar paraibano como dialeto materno. Optou-se por esse fenômeno pelo fato de que as duas línguas apresentam um comportamento bastante diverso com relação à coda silábica. Enquanto o PB apresenta um inventário de coda muito limitado, o inglês é bastante permissivo quanto a essa posição. De fato, o português admite em coda apenas os segmentos sub-especificados /N/, /S/, a lateral /l/, a vibrante e os glides. Isto é, a sílaba em português só admite codas com os traços [-vocálico, +soante] ou [-soante, +contínuo, +coronal]. Além disso, trabalhos sociolinguísticos sobre os dialetos brasileiros comprovam que até mesmo esses travamentos permitidos têm comportamento variável, admitindo uma gama de fenômenos, tais como a semivocalização e o apagamento.

Câmara Jr. (1969) já havia observado que, em palavras como *admitir*, *apto*, *técnica*, há, na língua oral coloquial, a emissão de uma vogal /i/ entre as consoantes, não representada na escrita e que a pronúncia culta procura reduzir. No caso da aquisição da LE, essa inserção pode ser observada nas tentativas de produção de palavras do inglês como 'equip' ou 'reptile'. A inserção é, portanto, a estratégia característica dos primeiros estágios de aquisição da LE. É possível observar que a inserção de uma vogal epentética no /p/ faz parte do problema de fixação fonológica

da estrutura silábica. A epêntese transforma em sílaba aberta uma estrutura que não é comum na língua materna.

Este artigo visa a contemplar, portanto, as implicações desse fenômeno variável em um dialeto específico do PB (variação intradialetal), bem como serve de base para comparações com outros dialetos do PB (variação inter-dialetal). De fato, procurou-se iniciar aqui uma comparação com trabalhos realizados com o mesmo fenômeno em duas regiões distintas: Norte (com o trabalho de Cardoso (2005), realizado em Belém – Pará) e Sul (a partir dos dados de Pereyron (2008), realizado em Porto Alegre – Rio Grande do Sul).

Nosso trabalho procura responder, portanto, às seguintes questões norteadoras:

1) Quais os contextos externos e internos envolvidos na aquisição da coda em /p/por parte de falantes brasileiros de inglês que tenham o falar paraibano como dialeto materno?

2) A instrução de caráter explícito exerce alguma influência na produção de formas mais próximas à língua-alvo?

3) O nível de proficiência do idioma é responsável por padrões de saída menos dependentes do sistema da língua materna?

4) O comportamento observado com aprendizes cujo dialeto materno é o falar paraibano se mostrou muito distinto do comportamento observado em aprendizes de outras regiões do Brasil?

Considerada a importância da língua materna na evolução dos aprendizes de LE, fica evidente a necessidade de uma análise teórica da interferência da língua de partida para um entendimento mais completo do processo de aquisição fonológica de um segundo código. Acreditamos ainda que a compreensão desse processo poderá ajudar também na melhoria de materiais didáticos que auxiliem o professor de línguas a trabalhar melhor questões de transferência entre códigos distintos.

### **3. Metodologia**

Para a realização do presente trabalho, contamos com a colaboração de 12 aprendizes de língua inglesa, estudantes da Universidade Federal da Paraíba, campus I (João Pessoa). Antes da coleta de dados, foi aplicado o Oxford Placement Test (ALLAN, 2004), que é um teste de nivelamento em língua inglesa. Esse teste é composto de duas partes: uma escrita e uma oral e é validado em mais de 40 países.

O nível de proficiência dos informantes foi, então, dividido em dois grupos. O primeiro foi composto por aprendizes que atingiram pontuação entre o nível inicial (beginner) e pré-intermediário (lower intermediate); o segundo grupo reuniu os falantes que ficaram acima desse nível. A maior parte deles se encaixou no nível pós-intermediário (upper intermediate). 16 aprendizes foram submetidos ao teste, dos quais apenas 12 foram selecionados para os fins desta pesquisa.

Além disso, para observar a influência da variável instrução explícita, necessitávamos também de informantes que já haviam cursado a disciplina de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa I, cujo programa de curso inclui o estudo detalhado do fonema /p/, além das estruturas silábicas da língua inglesa. Desse grupo específico de falantes, precisávamos que 3 pertencessem ao grupo de menor proficiência e outros 3 ao de maior proficiência. Procuramos esse equilíbrio para não comprometer a ortogonalidade dos dados variáveis e para manter o número exato de células para cada variável. O mesmo procedimento foi realizado para o grupo que não possuía instrução fonológica explícita. Assim, as células ficaram distribuídas da seguinte forma: a) 6 informantes de menor proficiência (3 deles com instrução explícita e 3 sem instrução explícita); b) 6 informantes de maior proficiência (3 deles com instrução explícita e 3 sem instrução explícita).

A coleta de dados foi realizada através de dois instrumentos, um em português (que não será avaliado neste artigo) e um em inglês. Nos dois instrumentos, havia palavras contendo codas encerradas pelo segmento /p/, inseridas em frases veículos. As frases veículos eram 2 para cada língua, visto que procuraremos, no futuro, observar se o contexto pode influir na produção (pausa ou não pausa). Assim, as frases-veículos eram: a) Diga X; b) Diga X para mim (para as produções em português) e a) Say X; b) Say X promptly (para as produções em inglês).

Todas as frases foram reunidas e apresentadas através de um arquivo de Powerpoint, com uma frase por lâmina, em um computador do tipo laptop. Cada uma

das frases era repetida duas vezes, tanto no instrumento em língua portuguesa como no instrumento em língua inglesa, além das sentenças com palavras distratoras (10 para cada língua). Tendo em vista o alto número de frases, a coleta foi realizada com um intervalo de 5 minutos de descanso.

Os dados foram coletados através do programa Free Sound Recorder (versão 9.2.1) e então submetidos a um tratamento estatístico com o software Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). É importante destacar que, nesta primeira etapa da pesquisa, os dados foram analisados do ponto de vista perceptual, isto é, de oitiva. O objetivo final, no entanto, é confrontar a análise perceptual com uma análise acústica (que já está em andamento), através do programa Praat – versão 5.0.25 (BOERSMA & WEENINK, 2008). É interessante observar que, partindo da análise perceptual, a codificação resultado da análise pode se assemelhar mais à percepção de outros ouvintes em relação à regra de epêntese (incluindo nativos de língua inglesa) do que a análise acústica que, embora mais acurada quanto à realidade física, se distancia mais da percepção de um ouvinte em um momento real de comunicação.

#### **4. Caracterização das variáveis controladas**

Como já mencionado, o objeto de estudo focado neste artigo é a inserção epentética de uma vogal em contexto de /p/ em posição de coda silábica. Nesse sentido, trabalhamos com uma variável binária, que nos permite contrastar dados de epêntese contra dados de não epêntese. Esse foi, portanto, a variável dependente utilizada aqui.

A partir da variável dependente descrita acima e com base nos trabalhos que nortearam essa pesquisa (CARDOSO, 2005; PEREYRON, 2008; HORA, LUCENA & PEDROSA, 2009; LUCENA & ALVES, 2010), controlamos as seguintes variáveis independentes:

##### **a) Nível de proficiência**

Partimos da hipótese de que quanto maior o nível de proficiência do aprendiz de LE, maior a semelhança dos seus padrões de saída com as formas-alvo. Assim, quanto mais próximo o falante da interlíngua está de um estágio de aquisição

completo, menor o nível de transferência dos padrões linguísticos da língua materna. Cardoso (2005), em seu estudo sobre a epêntese com aprendizes de inglês como LE realizado em Belém – Pará, e Pereyron (2008), em seu trabalho sobre o mesmo fenômeno em Porto Alegre – Rio Grande do Sul, utilizaram o nível de proficiência como fator a ser avaliado na transferência dos padrões da língua materna.

Para os fins específicos da nossa pesquisa, dividimos os aprendizes em dois grandes grupos: a) os que estavam no início do processo de aquisição da LE (que se encaixaram no teste de proficiência como “iniciantes” (beginners) e “pré-intermediários” (lower intermediate)); b) os aprendizes que estavam em processo mais avançado de aquisição (e que se encaixaram como “pós-intermediários” (upper intermediate) ou “avançados” (advanced)). Como já mencionado, foi utilizado o Oxford Placement Test (ALLAN, 2004), para assegurar um nivelamento mais sistemático da variável nível de proficiência.

#### b) Instrução explícita

A variável instrução explícita se refere ao grau de consciência fonológica por parte dos falantes com relação às formas da LE. Ellis (1994) define conhecimento explícito como aquele que pode ser passível de ser verbalizado, analisado e explicado e que se mostra disponível ao aprendiz de forma consciente.

Jones (1962) advoga que a aquisição fonológica da LE ocorre a partir da superação do que ele chama de “algumas dificuldades”, pontuando-as da seguinte forma: a) reconhecimento; b) produção; c) uso; d) manipulação dos aspectos prosódicos; e) concatenação dessas etapas; f) compreensão da relação entre as formas ortográficas e os sons. Alves (2009) também destaca o papel do reconhecimento das diferenças entre ambos os sistemas (língua materna e LE) para uma aquisição eficaz do sistema fonológico da língua-alvo.

A partir desse reconhecimento, o aprendiz tem um ponto de partida para empreender sua caminhada no sentido de produções mais próximas às produzidas por falantes da LE. Depois desse reconhecimento, o falante é capaz de manipular os sons de forma mais consciente. Alves (2004), em seu trabalho sobre o papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês, controlou essa variável e constatou a sua relevância para o processo de aquisição de LE.

A hipótese que aventamos neste trabalho é a de que os aprendizes que tivessem passado pelas duas etapas mencionadas acima (reconhecimento e consciência) teriam um índice menor de transferência dos padrões da língua materna do que os aprendizes que não tivessem passado por essas etapas. Para esse controle, utilizamos o critério de terem cursado a disciplina Fonética e Fonologia da Língua Inglesa I, que consta do fluxograma do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Optamos por esse critério pelo fato de que é nessa disciplina que os alunos terão contato com todos os aspectos segmentais da língua inglesa, incluindo os fonemas e os padrões silábicos. É também após essa disciplina que os alunos passam a ter um conhecimento metalinguístico do sistema fonológico da LE.

Dessa forma, dos 12 aprendizes selecionados no estudo, 6 já haviam cursado a disciplina Fonética e Fonologia da Língua Inglesa I e 6 ainda não tinham passado por essa experiência. Além disso, tomamos o cuidado de incluir falantes iniciantes e avançados em cada um desses fatores, para que os nossos resultados não fossem enviesados, conforme já explicitamos anteriormente e que reforçamos aqui para fins de clareza: a) 6 falantes com instrução explícita (3 mais proficientes; 3 menos proficientes); b) 6 falantes sem instrução explícita (3 mais proficientes; 3 menos proficientes).

### c) Tonicidade

Para controlarmos a variável tonicidade, partimos de alguns argumentos levantados por autores que investigaram o fenômeno da epêntese vocálica no português e na aquisição do inglês como LE.

Câmara Jr. (1969), falando sobre dados do português como língua materna, argumenta que, na posição postônica, a vogal é reduzida, o que produz uma pauta prosódica equivalente à que sofre normalmente a vogal da penúltima sílaba de proparoxítonas em geral. Assim, as pautas prosódicas de *'rpto'* e *'rápido'* não se distinguem. Os dados de Collischonn (2002), relacionados ao fenômeno da epêntese vocálica no português falado na região Sul do país, comprovam a influência da tonicidade no fenômeno da epêntese, e mostram que ela ocorre com mais frequência em posição pretônica do que em posição postônica.

Cardoso (2005), por outro lado, em seu estudo sobre a interlíngua de aprendizes brasileiros de inglês, controlou a variável tonicidade, mas chegou à conclusão de que ela não se mostrou estatisticamente relevante para o fenômeno da epêntese vocálica. Pereyron (2008), sobre os dados relacionados ao inglês como LE, também não constatou relevância da variável tonicidade.

A partir dessas observações realizadas, preferimos manter o controle dessa variável neste trabalho e levantamos a hipótese de que a epêntese seja mais frequente na posição pretônica do que na posição postônica, seguindo o raciocínio de Collischonn. A tonicidade, então, foi controlada nos dados da LE da seguinte forma: a) tonicidade fora da coda em análise, como em “baptize” [bap. 'tize]; b) tonicidade na sílaba em análise, como em “captain” [ 'cap.tain]. Procuramos manter a ortogonalidade dos dados, dividindo as palavras de maneira que houvesse o mesmo número de palavras com tonicidade na coda e fora da coda.

#### d) Tipo de coda

Alves (2008), em seu estudo sobre a produção de codas complexas na aquisição do inglês, chegou à conclusão de que a aquisição de uma coda complexa implica mais do que a aquisição de duas codas simples individuais que exibem os mesmos segmentos que compõem a sequência consonantal. A aquisição de um [p] e um [t], portanto, não implica, necessariamente, a aquisição de uma sequência [pt], por exemplo.

Para verificar o comportamento diferenciado do tipo de coda e sua implicação na aquisição do segmento /p/, reunimos palavras que continham coda simples e coda complexa. A hipótese levantada foi a de que nas codas complexas, como em “accept” ou “adopt”, o falante tivesse maior propensão à inserção vocálica, tendo em vista que, no português, o falante procura desfazer encontros consonantais, tendo preferência à sequência CV-CV. Assim, o falante evitaria clusters do tipo /pt/, /pd/ que se chocam com a boa formação fonotática das sílabas do português brasileiro.

#### e) Posição de coda

Essa variável refere-se à posição em que a coda se encontra em relação à palavra, se final ou medial. Partimos do pressuposto de que as codas mediais e



finais têm comportamento diferenciado e procuramos observar se é mais natural inserir segmentos em posição externa do que em posição medial na aquisição de uma língua estrangeira.

No trabalho realizado por Hora, Lucena & Pedrosa (2009), tratando dados de aquisição do inglês como LE, o travamento final foi mais favorecedor da inserção vocálica, embora o peso relativo tenha ficado muito próximo à neutralidade. A coda medial, no entanto, se mostrou desfavorecedora da epêntese, o que reforça a ideia de que a coda medial e final possuem comportamento diferenciado.

Pedrosa (2009) propôs analisar o comportamento do português brasileiro não só pelo seu molde silábico (CVC ou VC), mas também pela posição que as sílabas ocupam na palavra. A autora advoga que a posição de coda externa apresenta forte tendência ao enfraquecimento, por ser uma posição mais débil, tanto na sílaba quanto na palavra. A autora propõe inclusive que as codas finais possuiriam um núcleo foneticamente vazio, podendo, eventualmente, ser preenchido, sobretudo na fala menos monitorada.

Neste trabalho, dividimos, então, palavras que possuem coda preenchida por /p/ em posição final, como “gossip” ou “equip”, de palavras que possuem essa coda em posição medial, como “reptile” ou “chapter”. Nossa hipótese foi a de que a posição final seria mais propensa à inserção vocálica, pelos argumentos levantados acima.

## **5. Resultados e discussões**

Com o objetivo de compreender o fenômeno da epêntese através de uma visão geral, foi realizada uma rodada binária dos dados, confrontando “inserção de segmentos” com “realização da coda”. Foram levantadas 768 ocorrências de possibilidade de coda silábica: 612 com inserção e 156 com a realização da coda, sem epêntese. Foram descartados todos os casos de ressilabificação, substituição ou apagamento de segmentos, que serão analisados num segundo momento da pesquisa. Não foi observado nenhum caso de knock-out e quatro variáveis foram apontadas como estatisticamente relevantes pelo Goldvarb X.

A partir da análise perceptual, a frequência global da epêntese foi de 20,3% do total de ocorrências em /p/. Os dados são muito parecidos aos obtidos por Pereyron (2008) em Porto Alegre – Rio Grande do Sul, que observou que, quando

os dados foram observados através de análise perceptual, o fenômeno da epêntese ocorreu em 33% dos casos.

Conforme já mencionado, o *step-up* do programa selecionou como estatisticamente pertinentes quatro das variáveis controladas, na seguinte ordem de relevância: posição da coda, nível de proficiência, instrução fonológica explícita e tipo de coda. O *step-down* confirmou o resultado, apresentado a tonicidade como estatisticamente irrelevante para o processo de inserção vocálica em LE. A exclusão da variável tonicidade vai de encontro à nossa hipótese, formulada com base no trabalho de Collischonn (2002), mas confirma os resultados de Cardoso (2005) e Pereyron (2008), que foram trabalhos realizados com a aquisição fonológica de LE. Nesse sentido, portanto, nosso trabalho corrobora os resultados encontrados em aprendizes da Região Norte (Belém – Pará) e Sul (Porto Alegre – Rio Grande do Sul).

Com relação às variáveis selecionadas, a variável “posição da coda” se mostrou a mais relevante estatisticamente (vide tabela 1): coda medial com peso relativo de 0.79 e coda medial com peso relativo de 0.39. Observamos, portanto, um resultado surpreendente às nossas expectativas iniciais. De fato, o travamento final se mostrou menos favorecedor à inserção vocálica, indo de encontro ao trabalho de Hora, Lucena & Pedrosa (2009). No entanto, ainda fica a comprovação de que codas finais e mediais apresentam comportamento distinto com relação à inserção vocálica. Ainda é cedo para apresentar uma explicação para esse resultado, mas acreditamos que o fato deste estudo estar trabalhando com aprendizes de nível pós-intermediário e avançado pode ter influenciado nos resultados. Num segundo momento da nossa pesquisa, pretendemos cruzar os dados das variáveis “nível de proficiência” e “posição da coda”, para observar se existe alguma relação entre elas.

Os dados da posição da coda, no entanto, corroboram a hipótese aventada de que o falante se apoia no sistema fonológico da língua materna. Nesse sentido, considerando a não existência do fonema /p/ em posição de coda (seja simples ou complexa) no português, a estratégia de reparo utilizada pelo aprendiz é a de transferir uma vogal de apoio presente na língua materna para a interlíngua, facilitando assim uma melhor acomodação do falante ao sistema fonológico da LE.

Tabela 1 – Influência da variável “posição da coda”

<i>Posição</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Medial</i>	82 / 180	45,6 %	0.79
<i>Final</i>	74 / 588	12,6 %	0.39

Input: 0.125  
Significância: 0.000

A variável “nível de proficiência” também se apresentou como estatisticamente relevante para a transferência da regra de epêntese, como pode ser visualizado na tabela 2. De fato, quanto menor o nível de proficiência do aprendiz, maior o índice de inserção da vogal: 0.71 para informantes iniciais ou pré-intermediários e 0.28 para aprendizes pós-intermediários ou avançados. O resultado aponta, portanto, que quando mais próximo for o sistema de interlíngua do aprendiz àquele da língua materna, maior a probabilidade da sua influência nos efeitos da aquisição da LE.

Se nos ativermos apenas ao grupo de maior nível de proficiência, observaremos que, das 384 possibilidades de ocorrência da coda, apenas 36 foram produzidas com epêntese. No trabalho realizado por Pereyron (2008), que partiu do tempo de estudo em língua inglesa para delimitar os grupos dessa variável, o resultado da análise perceptual não foi tão relevante do ponto de vista estatístico. Os alunos com menos de 4 anos de estudo realizaram transferência em 36% dos casos, enquanto aqueles com mais de 4 anos o realizaram em 31% das ocorrências. Na análise acústica o resultado foi ainda mais desfavorável à realização da regra.

Com relação a essas divergências, podemos apontar dois possíveis motivos. O primeiro é o de que a seleção da proficiência na presente pesquisa não se deu por anos de estudo, mas através do Oxford Placement Test, podendo ter sido mais acurado em relação ao nível real de proficiência do falante. O segundo ponto é que a análise acústica, que ainda será realizada em nossa pesquisa, é mais precisa com relação à verdadeira produção da epêntese, o que pode acarretar uma diferença significativa com os dados da análise perceptual.

Tabela 2 – Influência da variável “nível de proficiência”

<i>Proficiência</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Menor</i>	120 / 384	31,2 %	0.71
<i>Maior</i>	36 / 384	9,4 %	0.28

Input: 0.125

Significância: 0.000

A hipótese de que, ao ser instruído explicitamente acerca do sistema fonológico da língua alvo, o falante é capaz de monitorar sua produção com maior acuidade, diminuindo consideravelmente a transferência dos padrões da língua materna, foi confirmada pelos resultados presentes na tabela 3. Como é possível observar, o peso relativo para a epêntese nos aprendizes que não foram expostos à instrução explícita foi de 0.66. No outro grupo de informantes (que receberam instrução explícita a respeito dos padrões segmentais e suprasegmentais da LE), o valor do peso relativo para a inserção silábica foi de 0.33, o que mostra uma clara diferença de comportamento.

Tabela 3 – Influência da variável “instrução explícita”

<i>Instr. Expl.</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Não</i>	109 / 384	28,4 %	0.66
<i>Sim</i>	47 / 384	9,4 %	0.33

Input: 0.125

Significância: 0.000

Podemos concluir, portanto, que a instrução explícita é uma variável social que se mostra tão pertinente quanto o nível de proficiência, no que diz respeito ao fenômeno em estudo neste trabalho. De fato, a instrução explícita parece ter agido como um meio através do qual o aprendiz toma consciência da forma do *input*, tendo um efeito facilitador no estágio de aquisição de LE. O resultado parece confirmar o proposto por Schmidt (1990), que afirma que se o aprendiz não atentar para o aspecto a ser adquirido, e não demonstrar um grau mínimo de consciência acerca desse aspecto, não haverá aquisição.

Nossos resultados, portanto, parecem corroborar a proposição de Alves (2009) de que a formação de um conhecimento explícito exerce um papel muito importante para a produção de padrões de saída na LE e que esse conhecimento é relevante, na pior das hipóteses, em situações de produção monitorada dos aprendizes. Dessa forma, a formação de uma consciência explícita em determinada estrutura da língua parece aproximar cada vez mais o falante de LE de uma aquisição completa daquele sistema.

Por fim, passamos à última variável selecionada como estatisticamente relevante pelo software Goldvarb X: o tipo de coda. Ao contrário do que foi levantado na hipótese inicial, as codas simples se mostraram mais relevantes que as complexas (conforme tabela 4).

**Tabela 4 – Influência da variável “tipo de coda”**

<i>Coda</i>	<i>Aplicação / Total</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Peso Relativo</i>
<i>Complexa</i>	23 / 288	8,0 %	0.35
<i>Simple</i> s	133 / 480	27,7 %	0.59

Input: 0.125  
Significância: 0.000

Como vemos na tabela 4, o peso relativo para a epêntese com coda complexa foi de 0.35, o que evidencia que esse tipo de coda se mostrou menos propício para a inserção silábica. As codas simples, por outro lado, se mostraram mais propensas a sofrerem o processo epentético, com peso relativo de 0.59. O resultado foi, portanto, surpreendente e bem distinto do que havíamos considerado em nossas expectativas.

A única explicação que podemos imaginar para esse resultado é a de que tenha havido um maior monitoramento por parte dos falantes em relação aos clusters, tendo em vista que a produção de uma vogal epentética nesse contexto fosse mais provável e menos desejável (pois se distanciaria mais da pronúncia alvo). As codas simples, em que pese a menor probabilidade de inserção vocálica (a princípio, o esforço de monitoramento seria menor por parte do aprendiz), foram tratadas pelo aprendiz com menor monitoramento e, portanto, tiveram produção de saída com maior índice de epêntese.

Esse comportamento, embora pareça paradoxal, não é de todo desprovido de sentido. De fato, situações em que o grau de monitoramento requer menor atenção por parte do falante parecem licenciar uma maior transferência dos padrões fonológicos da língua materna. Num segundo momento da nossa pesquisa, procuraremos confrontar os dados relacionados ao tipo de coda com a variável instrução explícita e nível de proficiência, para observar se existe alguma relação entre consciência fonológica e a produção de codas complexas. De qualquer maneira, não é possível afirmar que os falantes tenham adquirido a coda complexa antes da coda simples. Embora a aquisição da coda simples não implique na aquisição da coda complexa, como argumentamos anteriormente, é difícil sustentar a ideia de que a aquisição de sequências complexas não facilite a produção de codas simples. Ademais, o peso relativo referente à coda simples ficou próximo ao ponto neutro (que é de 0.50). Uma análise acústica poderá nos fornecer evidências mais fidedignas para essa comprovação.

## **6. Considerações finais**

Como é possível observar pelo exposto acima, fica clara a influência das variáveis nível de proficiência, posição da coda, instrução explícita e tipo de coda na transferência de padrões fonológicos do português (nomeadamente do dialeto paraibano) na aquisição da coda encerrada por /p/ no inglês como LE.

É cedo para tecer qualquer constatação a respeito do fenômeno em estudo por parte de falantes paraibanos, mas já podemos tirar conclusões parciais, respondendo às questões a que nos propusemos no início do artigo.

Com relação à primeira pergunta, podemos adiantar que o nível de proficiência e a instrução explícita foram os fatores externos que mais influenciaram na aquisição da coda encerrada por /p/ por parte de falantes brasileiros de inglês que tenham o falar paraibano como dialeto materno. Os fatores internos, por outro lado, foram o tipo de coda e a posição da coda. A tonicidade não se mostrou relevante para o processo de aquisição da coda com obstruente nesse trabalho. No caso da aquisição de uma LE, o processo de epêntese parece muito mais propenso a ocorrer por fatores relacionados ao tempo de exposição à língua alvo ou à forma como essa exposição é realizada do que a fatores propriamente estruturais relacionados ao sistema fonológico da língua materna.

Com relação às perguntas 2 e 3, observamos que o nível de proficiência e a instrução explícita parecem exercer um efeito consistente na aquisição da sílaba com obstruente. De fato, essas variáveis parecem facilitar que o falante seja capaz de produzir padrões de saída menos dependentes do sistema da língua materna. A partir dessas observações empíricas é possível fornecer insumos para a prática pedagógica do professor em sala de aula, de modo que seja observada uma maior atenção à forma e ao conteúdo metalinguístico, que parece exercer um papel importante na aquisição da LE.

Como pudemos observar ao longo do artigo, o comportamento observado com aprendizes cujo dialeto materno é o falar paraibano não se mostrou distinto do comportamento observado em aprendizes de outras regiões do Brasil. De fato, o índice de epêntese ficou muito próximo ao encontrado com aprendizes gaúchos. Além disso, os resultados relacionados à variável tonicidade foram parecidos aos obtidos por Cardoso (2005), em Belém, e Pereyron (2008), em Porto Alegre. A única divergência mais marcante foi com relação à variável nível de proficiência, que não se mostrou muito relevante nos dados do Rio Grande do Sul. No entanto, como adiantamos, a explicação para a divergência talvez seja resultado do fato de que as pesquisas não seguiram os mesmos procedimentos metodológicos, o que pode ter levado a resultados distintos.

Tendo respondido às questões a que nos propusemos neste artigo, nos debatemos sobre algumas questões que não foram levantadas aqui, mas que estão de certa forma relacionadas ao fenômeno em pauta. Qual a relação entre o tipo de coda e o nível de proficiência do falante? A aquisição da coda complexa pressupõe a aquisição de codas simples? Se não, como resolver esse paradoxo? Nesse sentido, surge-nos indagações que necessitam ser respondidas a respeito da regra de epêntese com falantes de dialeto paraibano.

Por fim, a singularidade de cada falante vem ganhando mais espaços nos debates e grupos de leitura realizados nos estudos em aquisição de LE. Através da Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1987) e estudos em áreas afins, como antropologia, psicologia, sociologia, um maior entendimento na natureza dos resultados estatísticos será possível. Dessa forma, a importância de mais estudos acerca de diferentes fenômenos, assim como a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, se apresentam como perspectivas e necessidades

para que, partindo da sociolinguística, se compreenda cada vez mais a natureza da aquisição fonológica de uma língua estrangeira.

## Referências

- ALLAN, D. Oxford Placement Test 1. Oxford: Oxford University Press, 2004
- ALVES, U. K. O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela Teoria da Otimidade. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas (RS), 2004.
- \_\_\_\_\_. O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela Teoria da Otimidade. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas (RS), 2004.
- \_\_\_\_\_. A aquisição das sequências finais de obstruintes do inglês (L2) por falantes do Sul do Brasil: análise via Teoria da Otimidade. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2008.
- \_\_\_\_\_. A explicitação dos aspectos fonético-fonológicos da L2: teoria e pesquisa na sala de aula. In: LAMPRECHT, R. R. et al. Consciência dos sons da língua. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.
- BEEBE, L. M. Five sociolinguistic approaches to second language acquisition. In: BEEBE, L. M. (Ed.). Issues in second language acquisition. Rowley, MA: Newbury House Publ., 1988. p. 43-77.
- BROSELOW, E. et al. The emergence of the unmarked in second language phonology. Studies in second language acquisition. n. 20, p. 261-280, 1998.
- BOERSMA, P.; WEENIK, D. Praat – Doing Phonetics by computer – version 5.0.25. 2008.
- CAMARA JR., J. M. Problemas de Linguística Descritiva. Petrópolis (RJ): Vozes, 1969.
- CARDOSO, W. *The variable acquisition of English word-final stops by Brazilian Portuguese speakers*. Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004). Ed. Laurent Dedydtpotter et al. Sommerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005. p. 38-49.
- CORDER, S. P. A role for the mother tongue. In: GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.) Language transfer in language learning. Rowley, MA: Newbury House Publ., 1983. p. 85-97.



- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. p. 205-230.
- ELLIS, R. A theory of instructed second language acquisition. In: ELLIS, N. (ed.). *Implicit and explicit learning of languages*. San Diego, CA: Academic Press, 1994. p. 79-114.
- GILES, H. et al. Speech accommodation theory: the next decade and beyond. In: McLAUGHLIN, M. (Ed.), *Communication Yearbook 10*, p. 13-48. Newbury Park, CA: Sage, 1987.
- HORA, D.; PEDROSA, J. L. R. *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. Vol. 1-5. João Pessoa: Idéia, 2001.
- HORA, D.; LUCENA, R.; PEDROSA, J. L. R. A inserção vocálica após a coda silábica: uma abordagem variacionista. In: HORA, D. (org.) *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, Ed. UFPB, 2009.
- JONES, D. *An Outline of English Phonetics*. Cambridge: W. Heffer & Sons Ltd, 1962.
- LUCENA, R. M. ; ALVES, U. K. Implicações dialetais (dialeto gaúcho vs. paraibano) na aquisição de obstruintes em coda por aprendizes de inglês (L2): uma análise variacionista. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre (RS). vol. 45, n. 1, jan.-mar. 2010.
- PEDROSA, J. L. R. *Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?* Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa (PB), 2009.
- PEREYRON, L. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2008.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SCHMIDT, R. The role of consciousness in second language learning. *Applied Linguistics* 11, 1990. p. 129-158.